

A ARTE DA LINGOA DE IAPAM, DE JOÃO RODRIGUES “TÇUZZU”

Michele Eduarda Brasil de Sá (UFRJ/UFAM)
michele_eduarda@yahoo.com.br

Chama-se de “século cristão japonês” o período que vai de 1543 a 1639, período do primeiro contato entre o Japão e o Ocidente, através dos portugueses, na época a que se costuma referir como a das “Grandes Navegações”. Logo depois da chegada dos comerciantes, vieram os jesuítas e trouxeram com seu trabalho grande contribuição para o estudo da língua japonesa. A articulação entre os comerciantes que chegavam (os portugueses, espanhóis e depois ingleses, holandeses e outros, concorrentes na disputa pelo novo mercado que então se abria), os religiosos (padres jesuítas, padres de outras ordens e, mais tarde, missionários protestantes) e os senhores feudais japoneses, na rede que se tecia em dois planos – de política interna e externa – acabou por encerrar o período com o fechamento radical do Japão ao Ocidente.

Embora tenha sido um tempo relativamente curto, nele foi possível fazer registros importantíssimos tanto da história e da cultura (vide a obra *Historia de Iapam* e as anotações pessoais do padre Luís Fróis, para citar apenas um dos exemplos mais representativos) quanto da língua japonesa. Afinal, a conversão dos japoneses ao cristianismo – ou melhor, ao catolicismo, lembrando que pelo mesmo caminho chegariam pouco depois os cristãos protestantes – dependia de se compreender não só a língua, mas também os costumes e a religião dos chamados “japões”.¹ Muitos conceitos precisavam ser aprendidos, e para isto deviam ser observados e explicados, para que depois a religião cristã católica fosse propagada. Sobre isto, Janeira

¹ Uma das dificuldades de tradução mais comentadas é a questão da tradução da palavra “Deus” pelo padre Francisco Xavier. “Refletindo acerca de qual seria a melhor opção, Xavier primeiro traduziu “Deus” como *Dainichi*, que é o nome de um dos Budas. Porém, ao descobrir que este nome queria dizer “Grande Sol”, começou a pregar contra ele, dizendo que *Dainichi* não passava de uma invenção do diabo. Decidiu então traduzir “Deus” como *kami*, que significa “ser superior” – uma tradução ainda não satisfatória, pois é a mesma palavra usada até hoje para os milhões de deuses do xintoísmo.” (SÁ, 2010, p. 2)

afirma que (1988, p. 147) por sobre todas as dificuldades esta “se levantou desde o começo: a necessidade de verter em língua japonesa os conceitos religiosos ocidentais.”

A *Arte da Lingoa de Iapam*, do Padre João Rodrigues, conhecido como João “Tçuzzu”, é considerada a primeira gramática escrita da língua japonesa. Isto somente já é fato que justifique a importância atribuída à *Arte*, ainda que algumas limitações lhe sejam imputadas. Sobre esta obra singular, a professora Eliza Tashiro diz o seguinte (2004, p. 206):

É a primeira obra gramatical da língua japonesa elaborada na tradição gramatical européia. Entenda-se tradição, aqui, como ‘uma linha de pesquisa (ou de ensino) que se liga a uma obra particular ou a um conjunto de obras ou a quaisquer elementos de doutrina’ (SWIGGERS, 1991) nos termos da historiografia da linguística contemporânea.

A *Arte da Lingoa de Iapam* foi publicada em Nagasaki em 1608, mas provavelmente a primeira metade foi impressa em 1604, como se pode conferir em seu frontispício:



Trata-se de uma arte (*techné*), não de uma gramática (*episthémé*). Seu objetivo era apresentar a língua de forma prática para a rápida aprendizagem de quem precisasse utilizar a língua japonesa. Estamos tratando de um fato anterior à cientificidade da gramática – cientificidade que, oriunda do pensamento positivista, só vai ser engendrada a partir do século XIX, em vários ramos do conhecimento. Não obstante ele esteja livre do cientificismo, corrobora seus escritos com a autoridade de outros irmãos e de “autores graves do Japão”. O próprio “Tçuzzu” escreve (p. 13):

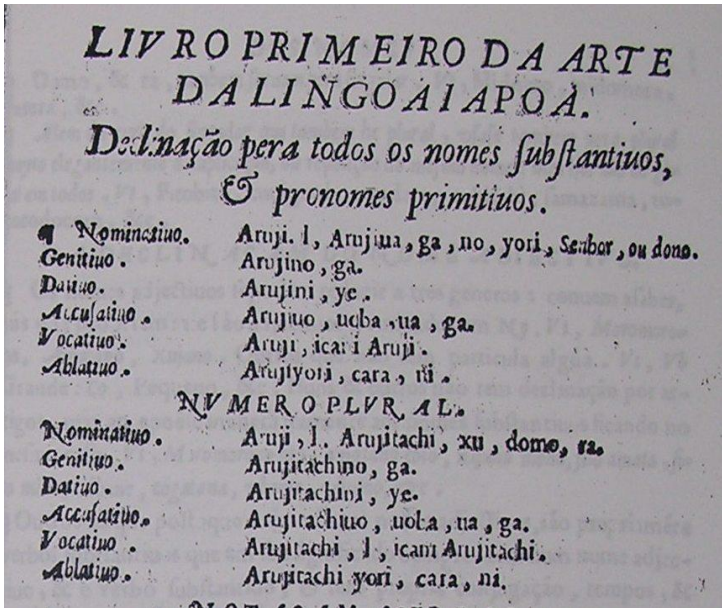
A causa por que na explicação dalgũas cousas fuy hũ pouco mais diffuso, foy por ser esta lingoa estranha, e peregrina, respeitando mais a declarar bem, e distintamente a cousa, que a fazer regras breves, e cõpendiosas cheas de obscuridade, e pera os mestres terẽ abundancia de cousas que facilmente não ocorrem: e por esta causa, onde pareceo neceßario fiz algũs comẽtos, provando tudo o que se diz quanto me foy possivel cõ exemplos dos livros de autores graves de Japão, e cõ outros dos que nossos Irmãos Japões compuserão em sua lingoa, e se imprimirão em noßa letra.

A *Arte da Lingoa de Iapam* de “Tçuzzu” é dividida em três livros, e a maneira como o autor os dispõe nas “Advertências” já é uma amostra da multiplicidade de critérios e de assuntos (p.14):

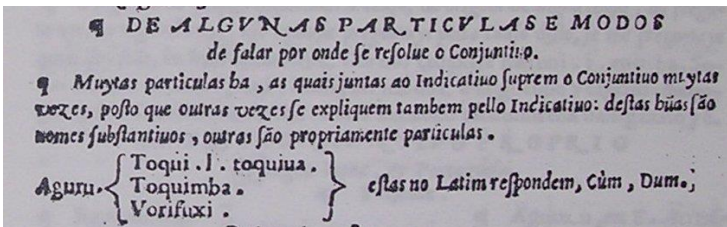
Dividi esta Arte em tres livros, o primeyro dos quaes comprehende os nominativos, e conjugações assi as que servem pera o cõmum falar, como as que se usam na escritura, e cartas com algũas notações proveytosas, e a Rudimenta com a ortographia Japoa em nossa letra. No segundo livro se trata da syntaxis intransitiva, e transitiva, da construyção figurada, e dos barbarismos: onde se poem algũs modos de falar particulares de certos reynos, e lugares, e se trata dos accentos, e modo de pronunciar desta lingoa, e hũa breve noticia das varias sortes de versos que tem. No terceyro, e ultimo se trata de diversos estilos da escritura, do modo de escrever cartas, e de vários modos de contar que tem esta lingoa, em que se encerra boa parte della com outras curiosidades proveytosas.

Percebe-se forte influência da gramática latina – algo que não surpreende, visto que se trata de um autor jesuíta – nos Livros Primeiro e Segundo. Por exemplo, ele usa a terminologia de “declinações” para os substantivos, embora o japonês seja uma língua que utiliza partículas, não declinações.

Veja-se:

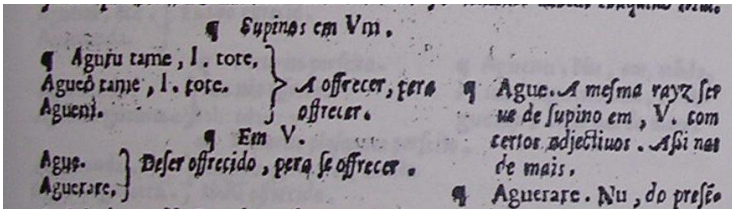


“Tçuzzu” também faz remissão a conjunções latinas, como se percebe abaixo, em vez de contrapor as estruturas da língua japonesa às da língua portuguesa. No trecho em destaque, ele aponta as conjunções *cum* e *dum*, ambas de valor temporal, para as expressões *toqui/toquiua* e similares, em vez de fazer referência às conjunções “quando” e “enquanto” do português.



A presença de formas nominais latinas como parâmetro de explicação também ilustra este modelo latino da *Arte* de “Tçuzzu”. Mesmo o supino, forma pouco usual, encontra seu lugar de paradig-

ma na obra do Intérprete – aparecem formas correspondentes ao supino no acusativo (com Vm) e no ablativo (com V):²



O livro terceiro apresenta vários aspectos práticos – como escrever cartas, petições; gentílicos; nomes das províncias do Japão (e os reinos que nelas há); nomes dos *bonzos* e rapados (religiosos do Japão, que os jesuítas deveriam conhecer muito bem); modos de contar; pesos e medidas, contagem de tempo (eras do Japão pelos anos depois de Cristo); informações sobre a história do Japão. Todas estas informações, como se pode deduzir, são utilíssimas para os recém-chegados a uma terra tão diferente e auxiliam no trabalho diário de comerciantes e religiosos. Como imaginar a tarefa de um comerciante que desconheça as medidas, as formas de contar (algo peculiar da língua japonesa), que não saiba redigir documentos, ainda que sejam os mais simples, mais comuns da rotina de um porto?

Enfim, a *Arte da lingua de Iapam* é uma obra que revela mais que simplesmente a língua japonesa: revela o europeu que observa o Japão e o que ele vê; revela o português que estuda as línguas recém-descobertas através do latim, e não de sua língua materna; revela o entrecruzar de religião e comércio no chamado “Século cristão japonês”. Por esta razão, trata-se de uma obra importante não somente para a linguística histórica, mas para a antropologia, para a história, para a sociologia e outras áreas.

² Tçuzzu quer dizer “intérprete” no japonês do século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOXER, Charles. *A Igreja e a expansão ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1981.

FUKASAWA, Lídia Masumi *et alii*. *Introdução à gramática da língua japonesa*. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses – USP, 1989.

JANEIRA, Armando Martins. *O impacto português sobre a civilização japonesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

MOURA, Carlos Francisco. *O descobrimento do Japão pelos portugueses: 1543*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1993.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Contar como se conta: os numerais japoneses na *Arte da lingoa de Iapam*, de João Rodrigues “Tçuzzu”. *Revista Litteris*, n. 5. julho/2010. Disponibilidade e acesso: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar_MICHELE.pdf> 03.ago.2010

TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas *Artes do Pe*. João Rodrigues Tçuzzu. In: *Historiografia da Linguística Brasileira - Boletim 7*. São Paulo: CEDOCH - DL/USP, 2004. Disponibilidade e acesso: <[http://www.fflch.usp.br/cedoch/textos/boletim7\[199-224\].pdf](http://www.fflch.usp.br/cedoch/textos/boletim7[199-224].pdf)> 07.ago.2006

TÇUZZU, João Rodrigues. *Arte da Lingoa de Iapam*. Com licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui, no Collegio de Iapão da Companhia de Jesu, 1608.